

## *Brioncelo, o Alcaravão*

*Burhinus oediconemus,*

*misterioso, furtivo, terreno*

: chegaste ao início da noite e entraste como se a minha casa fosse tua e as chaves, que já dormiam comigo, aninhadas nas cócoras do sono, estivessem em teu poder. Chegaste de nariz apontado ao alto e um brilho orgulhoso, renascentista, requintado sobressaía nas trevas como se a vontade de partir que trazias contigo fosse um trunfo insuperável. Entraste em bicos de pés para chamar a atenção

*botas cansadas enlameadas guerreiras* e largaste no chão a gabardina e um guarda-chuva novo, encharcados de impressões digitais, carimbos petrificados pelo gelo da noite de inverno que fazia lá dentro, porque

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: pousaste as revistas despaginadas que trazias ao dependuro no peito como se fossem colares de safiras, para que ninguém tas roubasse, e marcaste a página que nunca vi, com aquela fotografia de dois pés ossudos de senhora descalça mergulhados por entre a relva de um jardim pouco aparado. *Semente*. Aqueceste o leite, juntaste-lhe mel e, enquanto vestias o pijama cardado, aos carneirinhos, para não te deitares, deixaste-o a arrefecer, porque

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: nunca me disseste que enquanto esperavas que fossem horas de não te deitar, eu sonhava que os cães vadios das ruas vizinhas uivavam com gargantas de cavalos e que entre os países do céu viajavam mercadores nativos em caravelas de linho branco carregadas de trancinhas indonésias e conchas de cobre e cutelos de terra pendurados num ramal de corais. O comandante da frota neuro-comercial chamava-se *Brioncelo* e tinha o rosto de um escuro-orgulho árabe, cabelos preto-azeviche, terracota polida de sombras e majestade de ouro. O nosso acordo tácito de não nos falarmos até que o acordo expirasse e eu acordasse do meu sonho telúrico, fez-me acordar um bocadinho. Procurei-te em todos os cantos daquele planeta ancorado que era a minha casa para te perguntar se já podia contar-te uma coisa, mas tu respondeste que não, porque não te encontrei em lado nenhum, e fiquei o resto da noite a falar sozinha para as janelas fechadas e para as paredes enegrecidas pelos cigarros que me dizias fumar naquela atmosfera arrepiada até à hipoderme, porque

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: escovaste os dentes de chumbo com a voracidade frenética de uma *husqvarna* e eu, que cozinhava o sonho circense das esferas celestes, quase-quase acordei e me zanguei contigo: que não me deixavas sonhar e que melhor trato davas aos molares que a mim, a mim, seu ingrato, que te comprei o anti-séptico oral e o flúor e o dentífrico e que raspei o carvão para te embranquecer o esmalte e que casei morangos com bicarbonato de sódio para uma investida especial de abrasão. Poderias pois ter mais cuidado com a minha noite. Alisar-me a pele da cara que se enrugou nas últimas horas, aconchegar-me os pés antárticos, alinhar-me o travesseiro de plumas descompensadas e puxar-me os três cobertores da cama, porque

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: porque haverias? Porque abrias tão *à l'aise* a lata das minhas *danish butter cookies*, devoravas os torrões de Alicante que lá derretiam e deixavas as bolachas para mim? Aposto que era para me obrigares a acordar. Não haverias antes de comer as rodela de farinha assada, se era uma lata de bolachas que abrias? Pois haverias. E eu dormia, enfim, sobre a tua incoerência de galináceo que se deixa inchar para morrer. Perguntei-te como te chamavas e não me respondeste que tinhas por nome *Brioncelo*, por isso pensei que te chamasses *Crisântemo Inodoro*, porque me cheiravas a isso tão

intensamente que os cães quase cessaram de furar com relinchos a vadiagem da noite.

*Daquela noite, retaguarda de todas as noites*

: e continuavas a tua dança asfixiada de negro, vilipendiada pelo meu sonho oriental de asas douradas e bafos de bronze a chibatar a imensidão do universo. Quase dei conta de que estavas ali, qual chulo do meu sono, como esses homens da noite, abutres debicando nas tripas de um dia que morreu. *Peles e suores místicos, bactérias, urinas, poros intumescidos pelo pus dos deuses, glândulas e secreções invulgares impregnavam o meu quarto de pouca humanidade, enquanto a noite se adiantava a nós, arautos da encarnação brincando às casinhas com os grillhões do tempo*

: pegaste com cuidado no coelho de pelúcia que sempre abraçava para adormecer e, depois de o lambers de beijos, escondeste-mo, desalinhado, no cesto da roupa para dar a ferro como se esse não fosse o primeiro lugar onde eu iria procurá-lo. Nunca mais soube dele e lembro-me de, dias seguidos, ter chovido no meu rosto de hortelã a chuva que deram os meus olhos. Chuva seca, chuva estéril, chuva fria, chuva...porque

*a noite estava tórrida e era Agosto e já não ias sair até romper o dia*

: *bem-aventurados os que têm laços para desatar. Felizes os ausentes que são os únicos que regressam.* Lembro-me da escuridão que fazia lá fora nessa noite de sonhos desabandonados. Era uma escuridão de minas, de um azul-petróleo cerrado cerrado! Uma nuvem clara vagueava tresmalhada naquele céu de gasolina e, montado nela, um homem arquejava em agonia sobre guinchos de prisioneiro. Guinchos de guerra, ecos podres. Floresceram lapelas no peito do meu coração e eu sorri, sorri, sorri tanto que o mundo entrou inteirinho pela minha boca, ancorando-lhe em cais de chumbo.

Ouvi-te trautear *Piazzolla* debaixo de uma intempérie de chuveiro e, no fim, as pingas descompassadas bramiam o desespero insistente dos aflitos até à desistência muda. *Brioncelo ave pernalta, descobre o abismo que há em mim, puxa o tampo que encobre o poço fundo, o pântano das minhas memórias reencarnadas, e com a tua escada de corda*

*desce e limpa os rebordos das heras infinitas que treparam no interior*

*desce e elimina os vermes que se entranharam visceralmente nas fissuras*

*desce e corta os limos que exibem o viço mortífero dos relâmpagos*

*desce e raspa os musgos esquecidos nos canais*

*desce e rebenta as teias urdidadas no silêncio de todas as grutas*

*desce e emudece os monstros que roncam à aparição*

*desce e esgana a morte que galga lenta*

*desce e aniquila as protuberâncias da matéria pútrida*

*desce e vomita o teu veneno sobre as daninhas ervas do eterno esquecimento*

*desce e anula os fáceis e os vazios e os ocos e os inúteis*

*desce e suga a espuma da concórdia, a lama da ira*

*desce e seca a água estagnada no seu fundo. Água feia, água quieta, água gelada porque*

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: deixei duas frestas da persiana por fechar, queria dar conta do fim da noite que nunca chegou a chegar. Morri contigo, *Brioncelo ave áuspice*, antes de conhecer o dia. Nunca soube que a claridade tem ruas apressadas e multidões obcecadas por passos largos, nunca lhe soube as artérias entupidadas de automóveis e fumos negros, nunca cheguei a saber que o dia se embaraça com ruídos metálicos e com vozes inaudíveis como não são os relinchos dos meus cães nocturnos nem os teus longos assobios de alcaravão,

nunca soube

: *do TGV nem do Dreamliner 787 nem do passadiço de Salgueiros nem de Boris Vian nem de Keith Jarrett nem dos aspiradores inteligentes nem da Ponte de S. João nem dos aerossóis nem da agricultura biológica nem da crise global nem do Inter de Mourinho nem da gripe H1N1 nem do PSI20 nem de Guantânamo nem do Freeport nem da Casa Pia nem da Maddie nem das lojas dos chineses nem dos paraísos fiscais nem dos nossos desgovernantes*

: *oxalá que não!*

Nasci e morri na mesma noite, numa noite quente e fria, tórrida e gelada. Na mesma noite em que, por acaso, tu entraste na minha casa, velaste o meu sono de fetos e bateste as asas atordoando os ares com pós de alquimia. Na mesma noite que não me bastou para saber das cores que o mundo tem além do azul-petróleo que o veste e do amarelo com que te pintaram o bico, *Brioncelo das pernas verdes e das asas douradas*,

na mesma noite em que desconheci a vertigem dos anéis temporais, as equações da física, a organização do espaço, as regras das emoções, as espécies em vias de extinção que tive de não saber para aprender. Em que satélite te procuro depois da única saga de Neptuno?

: *Larrisa, Naiad, Galatea, Thalassia, Despina, Proteus, Triton, Nereida que me tens Brioncelo preso nas manhas da tua excentricidade de órbita ninfóide.*

Sobre a mesinha-de-cabeceira estava um telemóvel. Não sabia ao certo para que servia nem o que se fazia para que servisse, mas tomei-o nas mãos dormentes e teclei mecanicamente no conjugador de letras de maneira a alcançar palavras. Nem que queira dizer o que escrevi, não sei. Saiu-me uma combinação de fricativas predorsodentais e dentais sonoras e oclusivas bilabiais que não soava nem ao menino Jesus...*dziendobre...Brioncelo do voo incerto.* Passados uns segundos, um *biiiiip/ mensagem entregue.* Passados uns segundos, um *biiiiip biiiiip/ o seu saldo é inferior a 3 euros...* Passadas duas horas, outro *biiiiip biiiiip/ Olá, como te xamax? Dd éx? Namorax? Komo xabex o meu n°? Bx. Marka enkontro.* Fiquei a pensar no que fazer, se valeria as penas acordar, ainda a tempo de ir ao encontro de uma formiga com asas, se ainda teria tempo de levantar-me, vestir-me, lavar os olhos à gato e fazer de conta que vivia naquela época em que as mulheres usavam *baton e fond de teint e vernis à ongles* e se depilavam, e eu, cara de *kiwi* maduro, já nem tempo me sobrava para saber o que isso era e para que servia, nem para aprender línguas. *Oh shit! Y el hijo de putana del diccionario*, esse grandessíssimo pai dos burros, que não chegava. Quem o desfizesse em farripas, a esse betinho, desses que tudo têm, até passado e futuro, enquanto os meus dias cabiam todinhos nessa contracção de horas em que nem parar de sonhar para viver eu conseguia

: *deixem-me viver em paz!*

Sei das cascatas de água salgada que deslizavam langorosas pelos muros porosos, tingidos de salitre, do pátio que eu achava que tinha a minha casa. Tinha de ter porque eu ouvia-o, com irradiações de himalaías e ecos sólidos. Sons de gargarejos desciam pelos canos de alumínio e as rãs coaxavam rezas monstruosas em terços de argila e nenúfar. Era seguramente um pátio grande, com uma fonte de granito e uma estátua romana, teria arbustos altos de sombras piedosas e flores, muitas flores, as flores das tuas charnecas de areia e pedras, *Brioncelo olhos de cobra*, as charnecas das tuas orgias voláteis

: ajoelhaste-te sobre o tapete de Arraiolos a pintar-me a silhueta numa tela. Retrato de mim dormindo. *Sopro, fumo violeta, corpo de espirais, cristais multicolores cravados numa lua em forma de estrela, colmeia, âmbar, níquel, saliva e terra, quanta terra produzia o meu sono inóspito na tua tela de prata e cal.*

Que mal te fiz, *ave rara*, para trespassares com o sabre dos remorsos o meu peito encardido de pureza? Cessasse o bem que me davas, se não acordava para o favor da retribuição. *Pára de voar em mim, de fazer círculos de fera no céu do meu sonho infinito.* Respiraste o meu vento glaciar e cobriste de penas o teu corpo febril, porque *a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: sentaste-te no sofá e encostaste-te às almofadas de esponja com os *phones* nos ouvidos. Nunca me falaste da música que ouvias, enquanto eu regateava o preço dos lances do inconsciente, mas sei que era um flamenco porque o meu corpo cigano rendia-se incontrolável às curvas morenas da melodia e as pregas vocais borbulhavam tonitruantes projecções de voz. Querias saber a minha morada mas nunca a soubeste. Nunca ta quis dar, sabia que iria sofrer ao saber que a sabias e que não virias ao meu encontro. Assim lamentei apenas que não soubesses onde me encontrar

: *disse-to da primeira vez que me bateste à porta naquela noite, antes de voltares atrás para te despedires do bando invernal. Adeus, vai com as sombras, Brioncelo plumas de vento. Boa noite, Brioncelo pirata de nortes, entra, vem marear o meu castelo de arribas.*

Foste até ao grandioso móvel-bar que ficava na esquina da sala, em frente ao teu cinzeiro, e serviste-te de uma amêndoa amarga

: o bastião das horas marcava 32h da manhã e ainda faltavam exactamente 15:03h para raiar o sol daquele verão incontável. *Ping ping ping chove granizo e folhas sobre o meu sonho de calhandra, Brioncelo voz de manteiga quente coração de farol bastão da saudade cravado nos bagos de uva dos meus olhos grainhas inchadas translúcidas cuspiendo do alto setas de fogo sobre os trópicos crepusculares.*

Pousaste os *phones*, envergaste a *ásana* do Lótus e entoaste um *kiirtan*. *Baba nam kevalam, Brioncelo anjo etéreo lume do espírito, baba nam kevalam, ba-ba-nam-ke-valam, baaa-baaa-nammm-keee-vaaa-lammm, estado meditativo profundo logo agora que eu queria contar-te que o mercador árabe fez a viagem do barnabé das índias até à nuvem seguinte mas deixou que o vento soprasse de mais sobre as susaninhas indonésias que desapareceram para sempre na voragem do ar. Namastê.*

No balcão de um pão quente, um homem de meia-idade tomava um martini e trocava impressões com a empregada que, do lado de dentro, lavava as chávenas das meias de leite. *A minha primeira mulher era mais nova que eu dez anos e a segunda, mais velha nove. Ai sim (!), e qual das duas era a melhor? Eu sei lá, entre as duas venha o diabo e escolha. Moral da história: nunca um homem deve escolher a mulher, sem primeiro pedir o aviso do demónio.* Por saber disso, pedi-te que me chegassem um café. Recusaste, não querias acordar-me, porque

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: respiro e transpiro, sabia que depois de me fugires para sempre não me fugirias mais e isso trouxe serenidade ao meu sonho de *cotovia-de-olhos-postos-num-alcaravão*. Dentro deles, declinava o solstício de verão com horas amazónicas e fardos de feno ardiam no centro do lago de *Tiberíade*. *Fumo ar água barro equador crisálida máscara torreão falcão-peregrino,*

vi-te chegar à janela e espreitar pelas frestas da persiana, acho que querias entender o ruído que vinha do andar de cima, se é que havia andar de cima, ou do sótão ou do *duplex ou de um céu aberto acima dos nossos telencéfalos*. Alguma coisa muito parecida com o braço da suspensão de um automóvel tinha caído de altura suficiente para fazer um estrondo de trovão sobre o nosso tecto. Depois alguma peça se desintegrou e tu voltaste o rosto como se já não quisesses saber. *Que pele de dióspiro,*

*que cabelos de zanzibar iluminada, Brioncelo dedos de Fazioli alucinado agonizando na cave de um rasgacielos*

*: perdão, rio de mim, do meu sonho, do meu grunhido de raiz, da minha queda, dos azulejos que parti, dos tapetes que arrastei comigo aos tropeções. Perdão, não aguento o medo que ainda vive, faltam 14:15h para a ascensão da luz. Xailes bordados com pérolas de íris. Rota das sedas Marco Polo de Ormuz besta adaga caxemira alvoroçada lançada aos alísios. Encarniçamento das algas. Adamastor. Perdão, o meu sonho debilitou-me e as pernas não aguentam mais a pressão deste corpo aqui deitado numa tarimba de anacoreta. Sinais de fumo nos subúrbios da mente costelas assadas nos meus sentidos salsa cravinho gengibre macedónia de legumes,*

*cheirou-me a ovas de bacalhau fritas, foste tu que invadiste a cozinha de odores apurados, regaste a planta que nunca mais crescia e apartaste a fruteira para pôr a mesa. Estendeste a roupa que estava na máquina e arrumaste a que ainda secava na corda. Levaste-a para o cesto da roupa, para junto do coelho de pelúcia que lá não estava*

*: querias sair e meditar debaixo da figueira do quintal, eu sei que querias, tanto mais que ainda guardavas no bolso a escada de ir aos figos desenhada num pequeno moleskine rectangular. Eu sei que sempre procuraste as minhas sombras nas sombras das árvores. Nunca te disse que tantas vezes escutei atrás da porta quando só a ti próprio contavas os teus segredos, sentado naquela cadeira de vime que tinhas trazido de um campo de girassóis. Conheci-os a todos, os teus mistérios, equinócios do meu medo. Perdão, sinto-o na devida proporção dos teus segredos*

*Burhinus oedinemus,*

*terreno, furtivo, misterioso*

*: um sino ecoou no coração da noite, um tiro. Os amantes de Pompeia corriam de mãos enlaçadas pelas ruas da cidade e riam, riam muito de tudo, sobretudo das diferenças. Aparta o sol, que me dá nos olhos e eu quero continuar. Quero ainda ver o teu voo noctívago e o rebordo negro das tuas asas abertas sacudir o gelo opaco da cerração, porque*

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*



: o arauto troou a corneta, os aldeãos acercaram-se da notícia de última hora e alagaram de curiosidade a praça, *o capitão das ínsulas anuncia a demissão e vai pôr o seu cargo ao dispor em concurso público*. Depressa a aldeia arregalou os olhos, a ambição tomou a gente, a gente entrou em discórdia, a discórdia gerou conflito, o conflito deu lugar a guerras sangrentas e depois do açougue, a anunciação, *o novo capitão das ínsulas é o amante do bufo. Salva de prata, pirâmide, peitos de mármore e bocas de algodão, malva, incenso, mirra e alecrim, euros euros euros...*

*Ave-leão, protege a tua vigília com o poder do meu sono, protege o meu sono com os músculos das tuas asas universais, esqueleto de fibras dilatadas, troca um resto da tua vida por um sopro da minha morte e os dois resistiremos à peregrinação. Resigna-te ao orgasmo desta noite a arder na labareda dos teus olhos amarelos, fome dos deuses saciada na fartura do único jantar do seu olimpo em ruínas. Gostaste sempre muito de ti, pavão de armar, vaiado pássaro vaidoso, da camisa que tanto insistias em que fosse nova, que quando a usaste pela terceira vez já estava ultrapassada.* O meu árabe de terracota fez de duas gigantescas conchas de cobre, asas, e coseu-as nos flancos da caravela, não havia vento, era necessário forçá-lo. Repousou no convés e deixou que a organização do universo o conduzisse na travessia milenar das nebulosas. *Que paisagens pelo postigo da Nebulosa da Águia. poeira carvão hidrogénio papel e plasma. Pilares da Criação.*

Caiu neve na minha mão de fada e uma pérola branca pequenina resistiu. O candeeiro de cristal reflectiu um arco-íris de mim na parede

: *nela o vermelho da vida com que me trota o sonho nas veias, que te põe a assobiar nos desertos da minha inspiração, nos ramos quebradiços das minhas certezas, perigosa certidão de existência,*

*nela o laranja dos ímpios carnavais, das luzes psicadélicas dos bailes de garagem, manta rota na areia nocturna de uma praia, esperma, achas a arder,*

*nela o amarelo das rosas, jardins de suspiros como nuvens de açúcar a flutuar num lago de cetim, gramíneas a repousar nos teus lúzios*

*nela o verde dos embondeiros principescos, dos campos por pisar, da seiva amargurada dos amantes infelizes, clorofila no louva-a-deus o pãozinho de cada dia,*



Sob o céu de estuque que habitava por cima da minha cabeça, uma mesinha de centro; sob ela, uma caixa de madeira cravada de cornucópias guardava uma parafernália de relíquias, *uma chávena de café, um passe-vite, uma flor de outono, um anel olho-de-tigre, um saco de cerejas maduras, um rolo de papel crepe, um toblerone, o Palácio do Buçaco e meia dúzia de pingas de chuva, não tinha mais, porque*

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: em cima, grasnavam cartas com contas por pagar, 36 euros de água, 25.30 euros de gás e 0 euros de luz. *Tanta luz que me gastas, Brioncelo abutre das energias alternativas. Sugas-me a poesia*

*: que lua manténs guardada sobre a maré dos teus olhos cheios?*

*que luz é essa que me entorpece o entendimento dos sinais*

*e me polvilha as horas de espumas misteriosas, de sais exóticos, de amoras douradas?*

*que ideia é essa, que me sobra um espaço imenso entre esse grão de lua que te habita*

*nas paisagens luminosas entre os cílios e esse pó de sonhos que insiste*

*na morada silente dos meus dias, no derradeiro cárcere da memória?*

*pétrea a calçada que percorro dentro de ti, ardente a manta de estrelas*

*que me sai da boca numa respiração de pregas.*

*baladas de ondas vagas estalam-me como caracóis de fumo de um dia que desiste*

*e a noite irrompe atada com folias cegas aos turbilhões de danças*

*que almejam a cratera do teu céu distante.*

*nascem-me pétalas e frutos no quando os meus dedos te tocavam*

*e na hora em que o astro fulminante já rasteja espremendo a exaustão do último raio,*

*brotam de lá pássaros embriagados de fogo que se exibem*

*a arder pelos mares de saibro do que te recordo sempre,*

*abafada nos soluços de uma dor mal acontecida.*

*enquanto a lágrima não chega da exaurida batalha de sombras*

*queres falar comigo dos tempos em que as paisagens rugiam  
com o roçar do vento nos canaviais e o silêncio estalava  
num incêndio de paraísos prometidos  
ou preferes emudecer o canto ardente das gardénias  
ao parar o balanço das cores onduladas pela valsa das primaveras?  
diz-me o que queres afinal, para eu saber o que posso ver quando olhar  
os ventres das serras a parir efeitos fenomenais  
que escorrem e fecundam e brotam dos caudais abundantes de verdes doces  
pelas encostas suadas das montanhas  
conta-me dessas flores azuis tapetes de ondas sinuosas  
como marés vivas cravadas nos poros de um rosto salgado  
rebetado em espuma de cinzas nas praias arenosas do passado.  
vem estar comigo, ver dos sonhos suspensos na vida  
e depois então, regressa ao lugar que te faça querer voltar  
para a minha primavera colorida.*

A caixa multibanco não dava dinheiro – *saldo insuficiente*. Mentirosos, foi sempre suficiente para mim o saldo, fosse ele qual fosse. Contento-me com pouco. *Julgam-se donos da verdade, estes gajos do banco*. A dez metros da minha porta havia uma paragem de metro, mas eu só ouvia o pfupfuar do comboio : *PFUUUUUUUUUU~~~~~~PFUUUUUUUUUUUUUU~~~~~~*. *Senhoras e senhores, próxima estação: Esganeia-de-Cima*: afinal, aquilo que eu julgava ser um braço de suspensão, era uma bola de vólei. Indecente. Não admiti. Abriram um rego de água a passar pelo meu quarto. Sentei-me na borda da cama para refrescar os pés. Magnólias cresciam pouco na cidade, muito na carpete perfumada de fúchsia do chão caqui (*i.e. cavialá*). Os electrodomésticos deixaram de funcionar. *Nem pensar em comer a sopa azeda*.

*Regresso à rua depois de uma noite colorida de negro  
o olhar foge-me preso de mim para se pendurar na borda de um canteiro florido  
suspenso como um balão de fumo no turbilhão das esquinas  
o canto da minha rua é o do rouxinol que faz vibrar o mundo que me espera  
além dela, do que bate os fios das penas fora da prisão dos tempos lassos  
curvei-me ao cruzar a última parede da rua  
não era o vento não que me contrariava os passos  
nem a eminência da voz que rasgava a boca da aparelhagem confusa  
era perante o trono da circunstância que me curvava  
vazio tolhido inerte transformado pelos dias sólidos num sólido assento sem história  
nasci num país sem nome que se chama Portugal na Europa  
onde as flores têm cheiro e não odor  
onde os homens que falam não dizem  
e as promessas gravitam entre o será e o não foi  
nasci num lugar sem tempo e num tempo onde os lugares não têm vozes  
nem as vozes sons nem os sons sentidos  
entre a rua aonde regressei depois de uma noite colorida de negro  
e a rua de onde saio atada à ilusão escurecida de cores  
lembrei-me disto e  
voltei para trás à procura do eterno regresso.*

O contorno dos meus brincos escondia-se por trás do contorno do teu isqueiro, que se escondia atrás do contorno da minha jarra, que se escondia por trás do contorno do teu castiçal de zinco. *Espelho. teatro de sombras. objectos desdobrados. Foste fumar para a varanda da sala. Não sabes que o regulamento do condomínio proíbe que se faça fumo nas varandas? Patela. eixo. trinca-cevada-número-um. verdade ou consequência?*

*era fumo o que saía da chaminé de uma casa pequena no distante cimo da montanha  
e então como - sem ser fogo que queime -*

*era de uma cor que jamais vira em fumo,  
só nos arco-íris prateados das minhas noites de aranha, deixei-me  
plantada no sopé a tentar decifrar os sinais  
e com os olhos cegos dos demais, a pobre humanidade,  
quis ler entre as curvas, as ondulações  
as ilusões ou a verdade dos falsos séculos pendidos  
na mensagem luzidia que emanava daquela cor de alcatrão  
a vociferar mistérios orgulhosamente ondulantes  
a titubear sarilhos de todos os cumes perdidos, mas antes  
tinha largado a saca dos sonhos que me pesava no ombro  
de tanto vindimar horas sovadas pelos dias,  
de tantos enxertos de vidas torpes  
de tanto mondar as ervas vadias  
das estações perseguidas por chuvas fortes  
e, nesse mesmo segundo,  
voltei a olhar o fumo a fazer cócegas ao céu  
que, perdido de riso, zombava do mundo  
: de que ris, Brioncelo? Porque não me levas a sério? Que queres (?), não gosto de ser  
como as pessoas. As pessoas são feias e comem lesmas. Ou caracóis, que é o mesmo  
monco, só que leva casca, e nas lesmas bota-lhe sal e não andes descalça filhinha que  
vêm aí os lacraus e as negras carroibas vergastam de noite a lisura dos postes, cróias.*

A cidade pareceu-me estremecer aturdida por um ronco de erupção. Com receio que um mar de betume desabasse sobre o meu catre incorruptível, saí de casa e entrei numa sapataria que tinha um toldo cor de barítono com traves de ferro que guinchavam a verdete. Perdi-me no meio dos sapatos. *Tantos tantos muitos. Es de Lope. Tenho mimo e quero comprar-me uns sapatos*

: perdi-me por aqueles sapatos pérola, de cetim, comprei-os mas nunca cheguei a usá-los porque diz a minha avó que são muito sujeitos (e a minha mãe, não me diz ela

*nada? Buraco nas malhas das gerações. chutte. chutt!). Não servem para andar, servem para voar com certeza. Para ir planar contigo, condor-real na minha imaginação. Os pássaros que voam mais rente ao chão hão-de consolar-se de apreciar as minhas solas. Que horas são? 45 em ponto. Nada cedo, nada cedo.*

*But if I'm one thing then that's the one thing I should know can anybody find their home out of everyone can anybody find their home lost in the sun can anybody find their home come on, come on, come on, can anybody find their home oh oh oh oh oh. Oh, Keane.*

*As urnas vazias esperavam que os eleitores cansados de um domingo de cancro de pele retardado por um piz buin se acercassem e fizessem voto de fé no político da sua crença. Avé salvação, ave saudação sobre o requiem pomposo das eleições. a luta continua, Rapina para a rua*

*: perdi a noção da espécie, o sentido das palavras, a orientação do texto. Troco bifurcações de consoantes por vogais rotundas e confundo as sílabas nas prateleiras. Patre-lei-ras, par-le-tei-ras, par-te-le-iras, par-te-lé-rias, parte-e-irás, chega-e-ficarás. Elisão. Elisa. Elias. Eliseu. O mundo roubou-me as ideias. Muitas ideias minhas nasceram antes de mim. São todas minhas, as ideias que andam por aí. Putas bargantes, mundo mundo.*

*A outra parte desta (aponto na minha direcção) nasceu comigo em setembro do outro lado do planeta. Tem de mim a coragem que nunca tive de partir. Pela janela, a liberdade. Pela porta, o exílio*

*: quisera ser ave, não das que têm patas e penas e bico, mas das que batem as asas e flanam com a beleza das estrelas de cinema. quisera ser lírio selvagem, não daqueles que nascem no monte, crescem e morrem longe das fábricas e do conforto dos apartamentos modernos, mas daqueles que ferem de seiva o coração da galáxia. quisera ser cria, não das que conhecem o mundo com a inocência dos que nasceram pouco, mas das que sabem que a criação é a certeza dos que ainda muito têm para nascer*

*: fechei os olhos, cortinas negras intercalavam com cortinas brancas, uma brisa fresca, um calafrio e meruginha sempre, porque*

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: descascavas amendoins para eu ouvir-te estalá-los mas comias azeitonas verdes e enquanto, com os caroços da boca, aspergias o vidro do aquário para acertar nos peixes, eu bordei um quadro de cozinha a cruz, dobei uma meada de lã, fiz casaquinhos de bebé a ponto de arroz e um gatinho de croché para o meu pai pôr na parte de trás do carro, disse a *Miquinhas* que era assim. O curso de costura é que de pouco serviu. *Mas tenho ali um tecido africano que uma mucama me deu e ainda vou fazer alguma coisa dele, ai vou vou. Leilão.*

Uma manifestação de moscas postava em frente a um urinol da rua de *C. de V.* e um batalhão da polícia de choque atordoava as redondezas. *Fardas cartazes insultuosos, luto luta vaias tripeiras não à contrafacção não aos colchetes e aos éclairs e aos ilhós aos parafusos e às porcas que os provocam não às peles sintéticas não ao mijo na rua, caralho. insurreição das moscas*

A caravela quinhentista bolinava sobre a tertúlia desconfiada do olimpo e o árabe turvo marralhava o valor das flechas e dos arcos com um exército de soldadinhos de chumbo entrincheirados na proa. *Terra à vista, meu comandante*

: *ei-los que partem e eu quase a acordar, insecto-efémera, confinada à dimensão de um sonho, candidata a ave lunar pirlampo constelado na escuridão da matéria. Por que causa me deixarei tomar, prisioneira das estepes nos corredores da morte, ao primeiro raio da manhã? Espada libertina que me subtrai à essência*

: piquei-me num alfinete que carregava o mercador das estrelas na sua embarcação de linho. Fiz sangue e manchei de púrpura cor os lençóis de nuvem branca onde o meu corpo pesava. Os cães esgaçavam a noite com os seus uivos infernais. Eram de matilhas assassinas as suas gargantas, de trucidar as suas garras, orelhas espetadas no encaço da presa. As asas de concha silvavam invencíveis revezando os pós cósmicos. *Pás da lida. fungos da salvação.*

Acertaste com um caroço de azeitona na cabeça de um peixe. Morreu, *Brioncelo ave de rapina, usurpador de ilusões, supressor das castas paralelas que fazem sombra no teu plexo solar. Não queiras que a manhã anteceda a noite nem que a cerração preceda a luz. De qualquer modo, a ordem das coisas não espera por ti nem corre a seguir aos teus passos, porque tu não estás nem à frente nem atrás e é mais último o último de*



*vinte do que o último de dois. Tu estás dentro e a ordem das coisas não tem olhos voltados para a alma*

*(dóis-me na poesia que gasto sôfrega de ti)*

: eram mais ou menos quarenta e seis da madrugada numa cidade que talvez exista, era assim como que uma *quase-luz* a entrar pelas frestas indecisas de um quarto qualquer, quando a pulsação da terra fez a aldraba ecoar certos ruídos numa madeira de porta, avolumando tremuras de magmas e húmus e gestações de lianas e gerações de afrontas e afagos e afectos de mãos de ventos de mares de tempos diluídos no ar das lendas astrais

*(contorço-me de dores, florete de mágoas transcortando os tecidos da carne)*

: eram trinta e cinco pevides de terra e doze sementes de céu, cravadas pelos dedos calejados do dia, na seara verde da espera prolongada dos absintos, era como que uma onda de barreiras imóveis implantadas na senda flutuante da quimera, átomos de ilusão perdidos na meninice da noite intacta dos primórdios das madrugadas, na plácida linha maquilhando os olhos dos malmequeres, plantados nas faces tenras dos jardins das heras errantes – irmãs de estrelas fustigadas na solidão do firmamento e nelas entrançadas com os seus braços de *Babel*.

*Se eu visse o que tu visses ficar-me-iam nos olhos o desespero da busca e a tendência desenfreada do embuste das cóleras; derramar-se-ia do pensamento outrora deslavado o conhecimento arrancado às sombras nédias, a cor coalhada na palidez láctea à tona do mundo, o piano fosco de um trágico comediante a rodopiar contorcido sobre as suas dores. se eu visse o que tu visses ficar-me-ia a ideia de mim, suspensa na margem de um rio cavado de seixos, no ventre redondo da montanha, suado de fluxos matinais e aluviões de sóis a pôr clarões e chamas e quenturas sobre os meus olhos rasgados de ártico*

*(guinchos lancinantes. lassidão exangue)*

: quando a pedra do pico da ilusão rola do cimo da falésia dourada para vir rebentar na quietude incomodada das dunas ou desfazer-se na altivez fria dos recifes, os ventos gemem espezzinhados pelo seu galopar, os pós abalam atordoados pela violenta fricção da atmosfera da queda, as areias tremem ao seu bruto ficar e já nada é igual: a coroa da falésia vê partida a esmeralda-mor, o iodo perito da encosta revolve a marcha da

*vitória, e da garganta do silêncio rebenta um fôlego de bafios lentos no estuário da morte da vida*

*: perdi-me uma vez mais. onde estou e o que digo. que faço com as minhas palavras? Trucido-as espremidas pelo sub. lanço-as à nascença já rasgadas pelos impulsos magnéticos do eflúvio vivo. pareceu-me ver uma luz, um feixe de assombração a tremeluzir sobre a placidez dos meus gestos. sim, rompe a terra o rebento do meu fim.*

*Acercaste-te da janela, puxaste a persiana e escancaraste-a até aos ossos. Porque te demoras aí, debruçado sobre a avidez do último voo, Brioncelo baba de cão espumando à miragem do naco da minha morte? Tenho trinta e cinco anos e uma chama limitada a uma noite. Acham justo que eu morra a um mês de cumprir mais um aniversário? Dou-vos um ano para me dar a resposta. Tenho prazos a cumprir.*

*Burhinus oedicornis,*

*misterioso, terreno, furtivo*

*: sinto um aconchego sem nome, ao ler-me, na vista com que me lê, Brioncelo leitor, pilantra, que aprendeste o absurdo alfabeto só para me desvendares aqui, agora, deícticos das minhas letras sábias por saber. Cassiopeia anestesiante. profundidade da chuva. eclipse do irroçável.*

*Falhou-me o assunto, estancou-se-me o estro do fluxo semântico, os vasos temáticos comprimiram, fizeram mirrar a corola das sílabas. Neve na praia. tempestade de areia nos ares de vento da catástrofe. Em duas horas, um cavalo de pós mágicos calcorreou todos os treze cantos do meu quarto, num torvelinho frenético de pipocas. Pic pic pic. poc poc poc. as*

*: pombas desenfreadas rebentavam sobre o chão em menstruações impudicas e o baralho permanecia apagado em cima da mesa, irreverente, subtil. Rainha de copas. valete de espadas. Que impressão que me faz sonhar. vulgo sonâmbulo. nirvana na acidez dos alambiques.*

*Acorre a peçonha, flui a esgana pelas artérias colesteróicas da sanguínea cidade e os amantes selvagens treslocam-se de mãos dadas pela alucinação baça do dióxido, escapam zonzos por entre a asfixia dos néons. Sinfonia mórbida das panteras. enfarte*

: saraivada de berlindes caiu. O céu aberto a dava. Vergastando a carnudez infecciosa da azótica camada (*sua pútrida*), rebentavam em secos arrotos no prepúcio do planeta para em seguida ejacular néctares perfumados de malva-odor, as bolotas de mascavado vidro. *Garganta flutuante. trilhos pálidos do bosque das assombrações. silvos do regato, narradores do silêncio. cabo do mundo tremendo a coreografia legal, no decreto do mandador invencível porque invisível, desde o paleolítico dos significados.*

Um bando de escaravelhos, num ritual circular, encarreirava baba sobre o tampo da mesinha-de-cabeceira. Eram insectos verdes e tinham cornos que faziam raspar uns nos outros até dar lume e incendiar as palhotas da aldeia que toda se torcia em línguas de fogo

: *reconheço-te na resina ferida que escorre o pus do húmus pelo caule exaurido do prazer. reconheço-te nas paisagens mortas, de um morto quase tão morto como os que viveram de mais. reconheço-te nos glóbulos mecânicos de duendes incansáveis que me habitam e me trabalham e me roem, noite fora, as horas gastas e as multiplicam. Sempre te reconheci por debaixo de qualquer dos disfarces e peles e máscaras e caras mil com que ludibriavas o destino. Reconhecer-te-ei até quando já não fores tu o Brioncelo das fábulas, o Pégaso boreal, quando não mais me abrires a tua capa de águas para exhibir o peito de prado vivo e fores apenas aço, num corpo de lâmina rasgando, de cima a baixo, a lei da gravidade.*

Ajoelhaste-te sobre as traves do chão e beijaste-o com a sofreguidão inebriante de um tornado. As últimas pingas desse inverno de agosto solidificavam na verticalidade da janela. Levantaste a gabardina que secara e olhaste as varas já enferrujadas do guarda-chuva. Até com os restos foste egoísta. Deste verniz na lama das botas, cobriste o espelho com um sorriso irónico e passaste a mão pelo cabelo de alcatrão. Aprontavas-te o alvorecer. Apontavas-te o alvo de ser *alcaravão provoca-dor, sémen esgotado*. Ficou aberta a torneira do banho e o mundo secou na minha casa. *Princípio e fim de tudo o que existiu*

: uma das vozes de Deus falou em mim. Eu era-O. Era o meu timbre adocicado de rola, era a minha vibração de mantra, era o meu diapasão faseador. Pingos luziam com a iluminação do mundo numa frota de embaixada rumando a terras de *près* do Preste

João. *Diáspora libertina. luciférase*. Os mareantes engodavam na falácia de um sonho lúcido, no mar. Em terra, os homens já não se aturavam. Saturavam-se. *Apagão*.

Uma girafa atravessava o deserto a passo de galgo. De odre ao pescoço e ferraduras nas patas articulando castanholadas de sapateado, muito se assemelhava a Maria Antonieta, a supérflua. Valeram-lhe as pestanas cleopátricas para encontrar o oásis.

Retiraste o solitário de cima do móvel de mármore na entrada e deixaste uma taça com champanhe no seu lugar, esperando o brinde que eu não te digo, *Brioncelo da espera interrompida, avião que chegue de lá e fique detido nos ares entupidos pela excessiva promessa de chegar. Hélices vagabundas. caixa negra das lucubrações interditas*

: esquadrinhei todo o corpo que carregava sobre mim, procurando as respostas para o ponto de interrogação que desembocava no meu umbigo. Senti os olhos cristalizados de azul, visionários, da minha mãe na ponta *destes* dedos e foi com eles que me apercebi, por cima do ombro, do peso das mãos sábias do meu pai. Apalpei-me as feridas das pernas de pedreiro do meu avô, cravadas por baixo das rótulas que em mim rangiam como madeiras de século. Foi por essas pústulas que não me permiti acordar e apear-me, o chão não as aguentaria de dor, não lhes suportaria a carga de uma vida de escavações na pedra da carne.

Japoneses em grupo, enfileirados aos pés da cama, captavam-me com *Nikons* digitais como se eu fosse o Matchu Pitchu estendido ao comprido sobre a vegetação de um lençol peruano, depois de um dia de exaustão turística. Pensando bem, acho que foi por eu ter abarbatado o primeiro lugar no Concurso de Flauta da escola. E nunca mais aprendi guitarra.

Sobre mim e sob o tecto movimenta-se um cortejo de palavras dando descanso ao milenar argumento da movimentação dos átomos para explicar que entre uma coisa e outra se passa sempre algo.

*Para que saibam, as palavras da minha história, não sou eu quem as procura, são elas que me perseguem e se me impõem com a persistência da sépala. Grotescas, fajardas, caríssimas, as minhas palavras de ti, leitor, júri do júízo final, irrevogável, irrecorrível. Faço os meus textos com os textos dos outros, como arranjo a jarra com as rosas que roubo, biltre, dos jardins dos meus amigos. Eu também as tenho, as rosas dos meus*

*amigos. Mas as minhas rosas dos meus amigos são intocáveis, palavras que não-de morrer virgens fecundadas pelo falo aguçado da fala. Introduzo-as num saco, embaralho-as, tiro-as à sorte e construo frases. Poesias minhas os fortuitas casuais das versos. Alea jacta est*

Numa flutuação de harmónica, desci as escadas do cimo do meu colchão até ao soalho, que me implorava com a sofreguidão que estremece no bico de um borrachinho esfomeado. Muito lentamente, para não escorregar na cera daquele chão de bulevar parisiense, cerzido de troncos robustos arrolhados por largas cápsulas de verdinegro, fui-me a pairar até ao outro lado do mundo, na parede em frente. *Serão meu das antenas mil nos telhados de colmo. rescaldo verde na cidade de coágulos e de bolor.*

*Não me contes coisas, Brioncelo. Quanto mais souber mais perco à hora da morte e eu quero morrer vazia, clara por dentro, oca de semas, dando espaço para os fantasmas negros dançarem a valsa das sombras sobre a gaiola de todos os remédios.*

: era chegada a quadragésima sétima hora daquela exclusiva noite da minha vida de 47:03h e ainda me restavam alguns minutos. Faltava-me ainda sonhar com as vertigens da nudez palmilhada até ao último sopro. *Música céltica. harpa fustigada pelos estios. Arde-me o peito, florzinha, chega-te a mim, cobre-me de pólenes húmidos esta pele de sapo, escamas esfarrapadas, fala-me dos teus palácios, das tuas crenças, dos teus espectros de lume. Não vás, ainda sobra tanto,*

*e Brioncelo ronco de caverna, dívida da providência derramada sobre a crosta dos subterrâneos, já não ouviu o meu apelo desesperado, embriagado pelo esgar opiáceo da madrugada, aturdido pelo terramoto parido em espirais de luz a rasgar fendas frias, cáusticas, geladas na sepultura árida da manhã, porque*

*a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o*

: DIA.

**- Fim -**